ANTIGUIDADES INDIGENAS DO CEARÁ

PELO DR. CARLOS STUDART FILHO

Os primitivos povos americanos, na irrequietude de seu viver nomade, espalharam através dos ignotos sertões do Novo Mundo productos de sua industria—armas e utensilios—que se encontram hoje enterrados no solo ou perdidos nas mattas e nos campos.

Todas essas reliquias, documentos veneraveis e valiosos, que denunciam a accidentada e polymorpha existencia dos nossos aborigenes, o homem moderno recolhe e estuda e com o auxilio d'ellas tenta adivinhar os habitos e as crenças, surprehender o desenvolvimento intellectual, descobrir o gráo de cultura artistica, e traçar as migrações dos differentes povos que aqui viveram.

Esse justo e natural desejo de conhecer o passado, de reconstituir a protohistoria do Novo Continente, que ora tanto preoccupa as nações civilisadas da America e do Velho Mundo, não empolgou ainda os estudiosos do Ceará.

Si bem que tenha a historia, entre nós, cultores eruditos e dedicados, a paleothnologia, não obstante ser um dos seus fundamentos, não encontra sympathias em nosso meio.

Si exceptuarmos as petrographias (desenhos que os naturaes deixaram nos rochedos, nas lapas

e nas grutas), aliás insufficientemente estudadas, nenhum outro producto da arte indigena do Estado mereceu ainda a attenção dos especialistas no assumpto.

Em nosso territorio nunca foram effectuadas pesquizas ordenadas e methodicas para investigar o passado; uma missão scientifica jamais pizou as nossas praias para revolver e escavar o solo cearense e arrancar d'elle o material necessario á elucidação da prehistoria do Nordeste.

A Commissão Capanema, cuja secção ethnographica era chefiada pelo conhecido Gonçalves Dias e que veio ao Ceará em 1859, pouco ou nada fez nesse particular. Limitou-se a arrancar de certa gruta da Uruburetama uma calota craneana e remettel-a para o Rio de Janeiro, onde ainda hoje existe no Museu Nacional.

Que nos conste, pesquizas outras, no dominio da paleothnologia, não fizeram os membros da celebre «commissão das borboletas».

Lacerda e Peixoto (I) estudaram detidamente o craneo cearense e descobriram nelle caracteres accentuadamente semiescos, a denunciarem grande inferioridade intellectual do individuo a quem pertencera. Foi esta a unica conclusão fundamentada a que poderam chegar aquelles dois distinctos anthropologistas, visto como as condições em que jazia a preciosa peça ossea não tinham sido devidamente esclarecidas.

Agassiz (1865) e Whitfield (1865) cá estiveram tambem. O primeiro apenas *descobriu*, na serra da Aratanha, blocos erraticos e driffit glacial; o segundo, interessou-se sobretudo pelos lettreiros lapidares e sobre elles escreveu interessante monographia.

Nullas foram tambem, sob o ponto de vista da prehistoria, as observações do inglez Koster que, em 1851, atravessou o Ceará. Quanto a Gardner, a Small, a Branner, a Crandall, a Soppere a Katzer,

sabios extrangeiros que, em differentes epochas, perlustraram o Nordeste, apenas lançaram suas vistas para a Geologia de nosso Estado.

Esquecido dos archeologos, o Ceará é, pois, uma immensa zona ignorada.

Os artefactos lithicos, achados á flôr da terra, e a loiça de argila precolombiana poupada á sanha devastadora do matuto (1), jazem olvidados e inuteis nos museus e collecções particulares.

O rico material existente no Museu Rocha, de Fortaleza, e na Collecção Arnaud Baltar, do Acarahú, pertencente todo elle á industria neolithica (2), não foi ainda convenientemente descripto,

---

(1) Os nossos tabareus supersticiosos e tementes de suppostos maleficios, systematicamente reduzem a migalhas os camocins indigenas, que encontram, porque deixal-os inteiros seria, no pensar delles, exporem-se a morrer em breve praso.

(2) O desdobramento da edade da pedra nos chamados periodos da pedra lascada e polida tem dado lugar a lamentaveis enganos e falsas interpretações.

«E' um assumpto bastante interessante para, diz Simoens da Silva (XIV), esse de serem encontrados, em perfeita communhão, nos sambaquis brasileiros, chilenos, peruanos, etc., peças de pedra completamente polida com outras de pedra exclusivamente lascada. Os machados, os almofarizes, as mós, etc., são todos polidos e as pontas de lança e de flecha são unicamente lascadas, como são tambem encontrados pequenos utensilios domesticos.

E' a mescla de artefactos paleolithicos com outros verdadeiramente neolithicos.

Escreve von Ihering: «Nada ha que mais perturbe as discussões do que a applicação illimitada de noções theoricas, como adaptar, por exemplo, os resultados dos estudos da archeologia européa á nossa. E', pois, erradamente que fallam de uma epocha paleolithica ou neolithica na America do Sul».

«Como, continua elle, pude observar, até agora no Rio Grande do Sul encontram-se indistinctamente reunidos instrumentos de pedra, quer lascada, quer polida, dando-se o mesmo no Uruguay, Argentina e nos sambaquis do Brasil. Ao contrario da Europa, na America do Sul e em geral em toda

nem delle se fizeram estudos que permittissem cotejal-o com os outros productos de actividade artistica, abundantes nos museus americanos e europeus, e estabelecer vinculos ethnicos, pontos de contacto, ligações culturaes que porventura existam entre os aborigenes cearenses e os outros povos do Continente.

O Ceará, diga-se de passagem, não é, infelizmente, o unico Estado da Federação Brasileira em que dominam esta censuravel incuria e criminosa apathia. E' isso um mal a assoberbar quasi o paiz inteiro.

O estudo da antiga cultura indigena não tem no Brasil estimulo algum.

Excluindo-se as numerosissimas communicações e memorias sobre letreiros lapidares — entre as quaes é dever salientarmos pela notavel erudição que revelam, o livro de Alfredo de Carvalho (II) e os trabalhos de Theodoro Sampaio (III e

---

a America, os dois typos coexistem: ao passo que na Europa um seguiu o outro».

«Na America, accrescenta o antigo director do Museu Paulista, as pontas de flechas e as hastes são em geral de pedra lascada, ao passo que os pilões, mãos de pilão e em geral os machados, são de pedra polida».

Num trabalho de Ermelindo S. de Leão. (X p. 237) archeologo brasileiro, encontramos o seguinte trecho: «Formação secular e lenta, producto de muitas gerações, testemunham elles (os sambaquis) varios gráos de evolução, partindo do periodo archeolithico para o neolithico.

Desta forma, explicavel é que em um mesmo monticulo se deparem artefactos grosseiros de pedra archeolithica, ao lado de outros polidos e mais aperfeiçoados, como machados, gral em forma de aves, restos de ceramica que devemos attribuir á tribu conquistadora, isto é, aos Carijós».

Isso nos parece uma confusão imperdoavel por parte de quem deve estar informado que nem todas as armas e instrumentos de silex pertencentes ao denominado periodo da pedra polida soffreram o polimento. E' verdade que o paleolithico e o neolithico são separados, na Europa, por uma brusca

IV)— raros são os escriptos nacionaes referentes á archeologia prehistorica brasileira, e estes mesmos dizem respeito, com poucas excepções, ao sul e ao extremo norte da Republica, ao Rio Grande, S. Paulo e S. Catharina e ao Pará e Amazonas.

Os productos archeologicos da Bahia, de grande importancia, pois serviram a solucionar mais de uma questão obscura da prehistoria nacional, são conhecidos, aliás summariamente, pelos trabalhos de Teschauer (V), Ihering (VI) e um pouco tambem pelos artigos de Theodoro Sampaio (VII), de Bernardino de Souza (VIII) e de Martina (IX).

Von Ihering, na parte de seus escriptos em que trata da Bahia, faz a descripção detalhada do material colhido por Christovam Barreto no Municipio de Amargosa, material esse depositado quasi todo no Museu Paulista, e refere os importan-

---

solução de continuidade; divide-os um hiatus, que as descobertas de Piette em Mas d'Azil, de Mortillet em Fère en Tardenois, de Morgan em Campigny, etc., não conseguiram ainda prehencher completamente, mas apezar disso a velha technica de lavrar o silex pela percussão, pressão, etc., ahi subsistiu, apenas ligeiramente modificada, ao lado dos novos processos trazidos pelos invasores neolithicos.

«C'est au neolithique, diz Morgan (XI), que commence le polissage da la pierre, il ne s'applique qu'à quelques instruments, seulement, haches, erminettes, gouge, ciseau et cassetête, dans le monde entier...»

A descoberta de um artefacto de pederneira simplesmente lascada, em promiscuidade com outros de acabamento mais perfeito, não nos deve, pois, induzir em erro de attribuir ao paleolithico objectos muitas vezes relativamente modernos e proclamar depois a coexistencia, em nosso paiz, de artefactos pertencentes a epochas tão diversas, como fizeram Simoens da Silva, Ihering, Ermelindo Leão e outros.

Na determinação da idade de um instrumento de pedra quer elle seja Americano ou Europeo, devemos antes, tal nos ensina Carlos Ribeiro, ter em vista, como factor de importancia, as condições geologicas do terreno em que elle jaz, do que a forma propriamente dita do objecto em questão.

tes achados archeologicos feitos por esse investigador nos sertões bahianos (3).

Voltada, preferentemente, a attenção dos pesquizadores, e por motivos que não vêm a pêlo esclarecer, para a Amazonia, e para o sul do Brasil; tomado o Extremo Norte e o Brasil Meridional por centro de estudos e de investigações, permaneceu a archeologia dos demais Estados quasi que inteiramente desconhecida. Parco, muito parco é, com

---

(3) Christovam Barreto pretende ter encontrado na zona de Amargosa monticulos tumulares a que os filhos da terra denominam *murundus* e, sobre as serrarias e penhascos, que cortam aquelle municipio, numerosos restos de aldeias e fortificações construidas de grandes pedras toscas, que o explorador compara ás mysteriosas edificações dos *cliff-dwellers*.

Outras ruinas semelhantes, feitas, porém, de tijolos, teria achado Christovam Barreto perto da Feira de S. Anna.

Extranhavel se nos afigura que Theodoro Sampaio na erudita thése, que apresentou ao primeiro congresso de Historia Nacional, não alluda, nem mesmo ao de leve, a tão importante descoberta.

A Bahia tem sido sempre fertil em lendas referentes a suppostas cidades abandonadas.

A influencia dessa tradição, algumas ruinarias recentes, cuja lembrança se perdeu, e certas paredes basalticas naturaes têm induzido em erro tantos estudiosos illustres, que ficamos a duvidar da veracidade da descoberta feita por Christovam Barreto de mais essa cidade prehistorica.

Verdade é que Cesar Ribeiro (XII) assegura existirem effectivamente os taes monumentos derruidos da Feira de Sant' Anna, pois elle proprio tivera occasião de os visitar em companhia de Christovam Barreto. Informa ainda este viajante serem essas antigas construcções feitas de «uma argamaça que «lembra» edificações de origem excessivamente remotas e attesta a existencia de monumentos de uma vetustez incalculavel».

Nem mesmo diante de affirmativas tão peremptorias nos julgamos obrigados a acceitar como veridicas as sensacionaes descobertas dos dois exploradores bahianos.

Cesar Ribeiro se confessa «baldo de conhecimentos scientificos especiaes para formar o juizo de suas observações» e depois avança que a materia prima usada no levantamento de tão esquesitos monumentos precolombianos, «especie de cimento ou calcareo, saibo e argilla» era perfeitamente seme-

effeito, o registo de antigas habitações e de velhas necropoles indigenas nos outros pontos do paiz e pouco numerosas as referencias a objectos ceramicos e demais artefactos do gentio.

Monographias como as de Jayme Reis (XIII), de Simoens da Silva (XV), de Mario Mello (XVI) e de Raymundo Lopes (XVII) (4), contam-se pelos dedos da mão.

---

lhante á que fôra empregada na edificação de uma grande caverna, provida de vastas salas e extensos corredores, que elles ahi tambem lograram encontrar.

Os homens primitivos excavaram, é sabido, os acclives dos montes, abriram cavernas á imagem das grutas naturaes, nunca, porém, construiram galerias subterraneas com saibo e argilla. O exemplo é unico e por isso mesmo inacceitavel. «Mobilisando a caverna», separando-a dos flancos abruptos das serras, as tribus primeiras deram origem aos megalithos, esses «templos tumulos destacados da montanha» e crearam os monumentos cyclopicos.

A existencia de cidades precolombianas abandonadas no hinterland bahiano é uma ficção; provam-no de sobejo as pesquizas infructiferas do naturalista Kruger e as malogradas expedições do Conego Benigno da Cunha em as quaes, disse elle, «tenho sacrificado meu descanço, meus pequenos rendimentos, minha saude e minha vida».

(4) A opinião enthusiastica do Dr. Arthur Neiva de que o achado de Raymundo Lopes nos veio revelar a primeira cidade lacustre do Continente Americano é, a nosso ver, destituida de fundamento.

Sem fallarmos dos tejupares dos tapuias, que ainda hoje podem ser lobrigadas na Amazonia margeando seus rios colossaes, nem das choças levantadas sobre as palafittas do rio Desaguedero, em que mora a tribu dos *Antis*, nem tampouco das habitações dispostas sobre espeques de mirity, onde vivem os *Waraõns*, *Guaraunos* ou *Parahuanas*, segundo a graphia de Gustavo Bolinder (XXVI), que os visitou em 1920, todas ellas constituidas certamente á maneira dos tugurios de seus maiores, podemos asseverar com segurança que as habitações lacustres foram conhecidas no Brasil, e em toda a America, desde os primeiros seculos da colonisação.

Diz a tradição que no lago Maracaybo, antigo Coquebocoa, encontrou Ojeda uma cidade lacustre a que denominou Venezuela, nome que se estendeu depois á toda Região (XXVII).

As informações mais antigas que temos das palafittas

Até agora ninguem escreveu um trabalho de conjuncto que, enfeixando os dados mais modernos e interessantes sobre o assumpto, viesse completar a obra proveitosa de Von Ihering.

O grande e util commettimento de Carlos Hartt, iniciado com a publicação do bello artigo, que appareceu, em 1878, no Volume I dos Archivos do Museu Nacional, não teve continuadores.

A «Archeologia Brasileira» de Theodoro Sampaio (XVIII) não satisfaz.

As publicações de Nelson de Senna (XIX), de Xavier Paes Barreto (XX), de Simeh (XXI), do P.e Fernando Taddei (XXII), de Tristão de Alencar Araripe (XXIII), do P.e Pennafort (XXIV) e do Rev. Camillo Torrend (XXV), para não falar sinão

---

no Brasil são dadas pelo Pe. Ivo d'Evreux (XXVIII p. 25), ao relatar a expedição do senhor de Ravardière ao Amazonas, em julho de 1613.

> «Acceitou-se apenas, narra elle, um pequeno numero de selvagens, que elle mesmo acompanhou, e os encaminhou ao lugar, onde residiam os inimigos, o qual era nas *luras*, que são casas feitas á imitação das «*Ponts aux changes*», de S. Miguel de Paris, collocadas no cume de grossas arvores plantadas n'agoa».

O Pe. João Daniel (XXIX), allude igualmente á existencia de habitações lacustres na Amazonia.

> «Muitas nações, narra aquelle jesuita, vivem sobre lagos, ou em meio delles, onde têm em cima d'agua as suas casas feitas da mesma sorte, e só com o addito de serem de sobrado, que levantão de varas e ramos de palma, e nelles vivem contentes como peixes nagua. A razão de fabricarem nos lagos as suas povoações e moradias é em uns pela grande fartura que elles tem de tartarugas, bois marinhos e mais pescados: em outros para estarem mais seguros dos assaltos de seus inimigos».

Nas margens do lago Titicaca e em diversos outros pontos do Perú foram igualmente descobertos, ha já muitos annos, esteios e estacas fincadas na vasa, vestigios certos de construcções lacustres antiquissimas (XXX), o que vem contradizer ainda os assertos do Dr. Neiva.

nas mais importantes que se hão escripto entre nós, só têm valor pelo lado illustrativo, em nada esclarecendo os problemas da prehistoria brasileira.

Fechemos, porém, o parenthesis, que abrimos, para expor em synthese rapida a real situação dos estudos de archeologia indigena no Brasil, e passemos a tratar dos productos da arte do gentio cearense.

As antiguidades indigenas do Ceará, que se conservaram, são constituidas por artefactos de pedra polida e lascada e por utensilios de barro (5).

A ceramica cearense é simples, e os objectos de pedra, rudes e primitivos. Destes trataremos em primeiro lugar, reservando a analyse da ceramica para a segunda parte de nosso trabalho

Não pretendemos, porém, cabe notar, descrever com minucia todo o cabedal archeologico de nosso Estado, desejando simplesmente auxiliar os investigadores, que se occupam do estudo da paleothnologia brasileira, apontaremos, apenas, alguns objectos curiosos, cuja existencia em nossa terra

---

(5) As descobertas archeologicas levadas a effeito pelo Prof. Ludovico Swennhagen no Ceará e de que nos deu conta em varias conferencias publicas devem ser postas á margem.

Do assumpto já tivemos occasião de nos occupar detidamente (XXXI), mostrando não serem fundamentadas as affirmativas do viajante austriaco, nem merecerem credito suas declarações.

Em todos os accidentes geographicos naturaes o Professor vê o trabalho de povos semi-civilisados.

A gruta de Ubajara tão minuciosamente estudada por Gabaglia e por elle reconhecida como sendo a resultante da acção de agentes cosmicos, a gruta de Ubajara, diziamos, cavada nos terrenos calcareos da serra da Ibiapaba, é para o Professor austriaco construida artificiosamente, obra «feita pelos povos Tupis, sob planos previamente delineados pelos seus sacerdotes».

As numerosas cavernas e cascatas que se encontram na Ibiapaba seriam tambem engendradas pela mão do homem. As primeiras seriam, no pensar delle, templos subterraneos e as outras se destinavam a levar «a agua da serra para baixo para irrigar o sertão».

parece ser pouco conhecida, como por exemplo as bolas (6), mostrando ao mesmo tempo, tanto quanto nos permittirem os dados colhidos, seu papel na vida dos selvicolas cearenses e sua distribuição.

Julgando dever eliminar deste estudo tudo que não tenha o cunho de absoluta authenticidade, não estudaremos nelle os marcos de pedra nem as pedras em forma de disco, que Theodoro Sampaio, estribado no artigo «Cidades petrificadas e inscripções lapidares», de Tristão de Alencar Araripe, assegura serem encontrados, assignalando sepulturas indigenas, em pontos varios do Ceará. Nada nos autoriza a fazel-o. Ninguem, até hoje, conseguiu demonstrar a exactidão das noticias colhidas pelo Padre Corrêa Telles em suas peregrinações através dos sertões do Nordeste e divulgadas por Tristão de Alencar, trazendo-nos informes mais amplos acerca dessas famosas pedras tumulares.

O P.e Corrêa Telles, é sabido, obteve de pessôas ingenuas, de matutos ignorantes e credulos a mór parte das informações que consignou em seu trabalho. Assignala a existencia de tão curiosos monumentos indigenas, por ouvir dizer, não tendo feito, como elle proprio confessa, averiguações detidas acerca do assumpto.

Marcos e pedras discoides, semelhantes aos apontados pelo P.e Corrêa Telles encontraram Barros Loureiro Brandão (XXXII) no Riachão, Municipio de Viçosa, Alagôas, e o engenheiro Alvino

---

(6) «As bolas, diz Ihering (XXXIII), são de grande importancia para o estudo da prehistoria nacional visto como *são encontradas apenas no sul do vasto territorio brasileiro*».

Erland Nordenskiöld (XXXIV), indubitavelmente dos mais profundos conhecedores da Archeologia Americana, affirma tambem existirem «les bolas» unicamente na parte meridional da America do Sul, na America do Norte e ao longo dos Andes». No entretanto, como veremos, numerosas bolas foram descobertas no Ceará.

Argollo perto de Cachoeira, Bahia (IV pag. 565). Essas descobertas dão certa verosimilhança ás informações do P.e Corrêa Telles, mas não provam sua fidelidade no tocante ao Ceará.

Isto posto, tratemos agora dos

I

OBJECTOS DE PEDRA

Machados de pedra. *Fórma e dimensões.* Os machados de pedra empregados pelos primitivos indigenas do Ceará variavam consideravelmente de fórma, de peso e de dimensões.

O maior machado de procedencia cearense que conhecemos mede 316 mm × 110 mm × 70 mm e pesa 5450 grammas; pertence á nossa collecção, tendo sido achado no Municipio de Itapipoca. Dos pertencentes ao Museu Rocha o menor tem apenas 35 millimetros de comprimento e 20 grammas de peso.

O comprimento do grande machado n.º 134, da fig. 1, é de 270 millimetros, sendo seu peso approximadamente 4750 grammas.

O volume e o peso extraordinarios destes artefactos não devem causar surpresa, pois na Europa encontram-se em antigos tumulos machados de dimensões muito superiores. G. de Mortillet (XXXV) cita um especimen de pedra schistosa, achado no dolmen de Mané-Er-Locmariaker, cujo comprimento attinge a quasi meio metro Pouco menor do que este, mas de dimensões tambem avantajadas, é o machado de jadeite, descoberto em um dos dolmens de Morbihan, o qual tem 377 millimetros em seu maior diametro.

Não são somente os machados achados em tumulos que attingem tão grandes proporções.

Em França existem machados-ferramenta em silex com 314 millimetros de comprido, e na Dinamarca alguns chegam mesmo a alcançar 34 centimetros.

A fórma dos machados varia ainda mais do que seus pesos e volumes. Uns são ovoides, polygonaes, cylindricos ou triangulares; outros são chatos, de bordas lateraes ora cortantes, ora arredondadas, ora talhados a prumo. Machados ha que são mal feitos, sem gume apreciavel, parecendo verdadeiros malhos, ao passo que outros são caprichosamente trabalhados.

Algumas achas se mostram irregulares e asymetricas, outras apresentam perfeita symetria.

Das formas mais geraes no Ceará damos o quadro seguinte:

Machados em forma de escudo			224
» » » » crescente			1
»	com sulco circular	parcial	8
		total	16
»	» entalha		6
»	cylindricos		43
»	trapezoidaes		10
»	de 2 gumes		1
»	em forma de escopro		47
»	ds formas especiaes		62

Preparo dos machados. O processo usado pelos selvicolas no apresto de seus machados não differia do que elles geralmente empregavam, desde tempos immemoriaes, para o preparação de varios outros artefactos de pedra polida.

Quando o acaso lhes não proporcionava a descoberta de calhaus que facilmente desbastados adquerissem a forma do objecto desejado, usavam elles despedaçar por differentes processos, entre os quaes se salientava o processo da agua e do

fogo (7), certas rochas, que a pratica ensinara melhor se prestar á confecção do instrumento que tinham em mira, desengrossavam os fragmentos e depois, a poder de esforço e de arte, á força de friccional-os pacientemente de encontro a uma lage qualquer e com auxilio de agua e de areia modelavam seus toscos utensilios.

Quando o gume dos machados, gasto pelo uso e pelo tempo, perdia o fio e se tornava improprio ao fim a que se destinava, era ainda pelo attrito que conseguiam amollal-o.

Não ha objectar que taes factos não passam de conjecturas, pois elles escapam ao ambito de nossas investigações materiaes. A isso seria licito responder que as affirmativas cathegoricas do P.e Gumilla (8), que entre indigenas americanos viveu largo tempo perscrutando-lhe os habitos e as crenças, corroboradas pela descoberta, em algumas estações prehistoricas brasileiras, de machados em via de aperfeiçoamento, e pela existencia de vinco deixados nas faces planas dos lagedos, no dorso dos penhascos e em certos artefactos de pedra pelo desgaste de machados, demonstram exuberantemente serem verdadeiros os factos apontados.

Composição mineralogica. E' consideravel a variedade de rochas empregadas pelos gentios no fabrico de seus artefactos. Numerosos são, com effeito, os machados talhados em diabase e em phonolitho, recolhidos em territorio do nosso Estado, e que enfeitam os mostruarios dos museus cearenses, onde apparecem tambem, em menor copia,

---

(7) «Ainda hoje as populações florestaes queimam lenha sobre as rochas até ao ponto de as aquecer fortemente, e deitando-lhes agua fria as estalam» (XXVI).

(8) «Perguntei ainda: Como ou com que preparam seus machados de pedra tão dura? E responderam-me que com outras pedras quebravam a estas; e depois á força de amolal-as em pedra mais branda e com ajuda da agua, lhes davam a forma e o fio aos gumes» (XXXVI).

exemplares feitos de diorito, syenito, gneiss, quartzo, basalto, etc. Coisa singular e digna de nota, é que as achas de silex, de nephrite e de febrolitho, pedras que com a diabase melhor se prestam á confecção desse genero de armas, não foram ainda aqui descobertas (9).

Encabamento dos machados. Os autochtones do Brasil usavam, de ordinario, seus machados presos a um cabo cujo comprimento variava entre 0m,28 e 0m,77 e que era por vezes extremamente delgado, e se flectia com relativa facilidade. Mesmo os machados de dimensões avantajadas que, no Velho Mundo, segundo diz Mortillet, deviam ser manejados directamente pelas mãos possantes dos homens primevos, eram aqui encabados. A existencia de um sulco circular nos grandes machados n.os 341 e 134, da fig. 1, e a presença de uma depressão abraçando grande parte do corpo do collossal machado de nossa collecção denunciam isso claramente.

Cumpre observar que as depressões, sulcos e entalhas, que os indios cavavam nas faces lisas e polidas de certos machados, se destinavam a tornal-os menos escorregadios, e a facilitar seu encabamento.

Tanto quanto nos foi possivel concluir de nossas averiguações, que consistiram em compulsar as chronicas e as relações de viagens dos exploradores antigos e modernos, estudar os numerosos especimens de machados americanos providos de cabo, recolhidos aos museus nacionaes e extrangeiros, e, finalmente analysar certas petrographias

(9) A classificação mineralogica dos diversos artefactos de pedra dos indigenas cearenses foi feita com a ajuda do Prof. Dias da Rocha, illustrado director do Museu Rocha. Muito grato lhe somos pelo valioso auxilio que nos prestou e mais ainda por nos ter gentilmente franqueado, para estudo, sua riquissima collecção archeologica.

indigenas, que nos mostram traçados com precisão e simplicidade varios typos de machados encastoados, a adaptação do machado ao respectivo cabo se fazia por differentes processos.

Em alguns casos era a ferramenta simplesmente embutida na parte mais grossa de uma haste de madeira rija com a forma de maça. Assim agindo, visava o gentio não só augmentar o peso do movel, fazendo d'est'arte mais efficientes seus golpes, como tambem impedir que o cabo, uma vez escavado, se tornasse demasiado fraco, o que havia fatalmente de succeder si elle apresentasse a mesma grossura em toda sua extensão.

Como exemplo de machados assim encastoados poderiamos citar os machados pertencentes aos Bacairys, do Xingú, e aos antigos Coroados, do Paraná, que se acham depositados no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Outras vezes constituia o cabo um ramo delgado de arvore, vergado em derredor do corpo do machado, junto a sua parte posterior ou testa. As duas porções da vara, fortemente unidas com a ajuda de fibras vegetaes, seguravam o machado de maneira satisfactoria.

Antes das expedições brasileiras de 1907, chefiador por Candido Rondon, haverem desbravado o Norte de Matto Grosso, levando áquelle recanto perdido do hinterland brasileiro os beneficios da civilisação, era esse o systema posto em pratica pelos selvicolas da terra do Norte para proverem de cabo seus toscos machados de pedra.

De identico processo usavam tambem os selvagens que captivaram o allemão Hans Staden (10).

Um terceiro modo de encabar, consistia em fender em dois a extremidade de um pau e intro-

(10) «Tomam depois, diz Hans Staden, que dobram ao redor da pedra e amarram com fibras de embira».

duzir o machado entre as talas, topejadas depois com solidas embiras de tucum (11).

Neste caso nem sempre as pontas das talas excediam ás faces lateraes do machado.

O cabo podia ser tambem simplesmente applicado sobre o dorso do machado e a elle preso por meio de cipós entrelaçados.

O Museu Rocha possue um artistico machado de jaspe (n.º 148) admiravelmente polido, que mostra sobre o dorso um sulco largo e profundo destinado a receber um corpo cylindrico, um cabo evidentemente.

Esse curioso objecto muito se assemelha aos machados aimarás, descriptos por E. Nordenskiöld, e tem, como elles, dois fortes prolongamentos lateraes.

O uso corrente entre habitantes prehistoricos da Europa de pôr entre o machado e o cabo uma bainha de osso ou de chifre de veado, bainha essa que servia, segundo opinam os irmãos De Mortillet (XXXVII), a diminuir o abalo occasionado pela percussão do machado de encontro a um plano resistente, não existia no Brasil. Com igual designio e sobretudo para que os liames, que prendiam a ferramenta, podessem melhor resistir aos effeitos dos golpes com ella vibrados, usavam os primitivos brasís revestil-os de grande porção de breu, de resina ou de cêra.

Uso. Determinar com exactidão o uso de cada um dos rudes instrumentos de pedra que nossos selvagens manejavam, é ardua e difficil empreza para o pesquizador.

Um objecto, por mais tosco que fosse, devia

---

(11) «porque elles nom teem cousa, que de ferro seja e cortam sua madeira e pauos com pedras feitas como cunhas metidas em hum paáo entre duas talas muy bem atadas e por tal maneira que andam fortes. . .» escreveu Pero Vaz Caminha

ter, e tinha certamente, multiplas e variadas applicações entre as cabildas primitivas.

Consultar as chronicas e documentos antigos, que tratam dos selvicolas, examinar as tradições e lendas, observar os usos e costumes dos aborigenes actuaes, através das relações de viagem e memorias dos modernos exploradores, estudar as populações mestiças que ainda guardam velhas usanças e velhos habitos de seus antepassados americanos,—meios realmente uteis que temos para elucidar o assumpto—nem sempre trás resultados cabaes.

Recorrer ao simples exame de um objecto, analysar-lhe os contornos e dimensões e dessa perquirição concluir qual seja seu papel ou destino, é methodo facil e muitas vezes o unico applicavel, mas cheio de perigos porque, fundando-se em simples conjecturas, pode originar opiniões as mais desencontradas no tocante ao fim de certos utensilios dos indigenas.

Assim A. C. Teixeira de Aragão (XXXVIII) descrevendo os productos da arte e industria dos aborigenes do Novo Continente, illudido pela forma do objecto, chama de rascador ou raspador de pedra a um bellissimo machado semi-lunar.

Exemplos semelhantes poderiam ser multiplicados, mas julgamos este bastante instructivo.

A natureza dos estudos de que ora vimos tratando, força-nos a apontar todos esses estorvos e obstaculos, mas não nos inhibe de enfrental-os, antes nos obriga a, valendo-nos das maneiras que julgamos mais proficuas, tentar esclarecer e precisar o emprego dos artefactos que se nos forem apresentando á analyse.

E' o que vamos fazer.

Dos utensilios de pedra das nações indigenas do Brasil foram sem duvida os machados ao lado dos tambetás, adornos faciaes e muyrakitãs, os objectos que maior impressão causaram no animo

dos historiadores dos primeiros tempos da colonisação, pois a elles se referem e os descrevem, sob o nome de cunhas, numerosas chronicas e varios escriptos epistolares.

Já na celebre carta de Pero Vaz Caminha, datada de 1 de Março de 1500, em a qual elle narra a El-Rei as peripecias da viagem e as maravilhas da terra recem descoberta, ha referencias aos mesmos:

> «Muitos d'elles, diz o escrivão da armada de Cabral, vynham alv estar com os carpenteiros e creo que o faziam mais por veerem a faramenta de ferro com que a faziam que por veerem a cruz porque elles nom teem cousa que de ferro seja, e cortam sua madeira e páuos com pedras feitas como cunhas metidas em hum páuo entre duas talas muy bem atadas que andam fortes» (XXXIX).

Frei Vicente do Salvador (XL) na famosa «Historia do Brasil», escripta em 1627, affirma que os primitivos brasís maldiziam

> «no choro a pouca ventura, que seus avós, e os mais antepassados tiverão, que não alcançarão gente tam valerosa como são os Portuguezes, que são senhores de todas as cousas boas, que trazem á terra o que elles dantes carecião, e agora os tem com tanta abundancia, como são machados, fouces, anzóes, facas, tesouras, espelhos, pentes, e roupas».

e accrescenta:

> «porque antigamente roçavão os matos com cunhas de pedra, e gastavão muitos dias em cortar huma arvore».

Dos «Principios e origem dos Indios do Brasil» (XLI), consta o seguinte:

> «Antes de terem conhecimento dos Portuguezes, usavam de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, páo, cannas, dentes de animaes, etc., e com estes derrubavam grandes mattos com cunhas de pedra, ajudando-se do fogo».

Alludindo aos machados de pedra escreve André Thevet (XLII):

> «ils donnèrent tout à un Français, pour quatre haches et quelques petits couteaüx. Ce qu'ils estiment beaucoup, et non sans raison, car cela leur est propre pour couper leur bois, lequel auparavant étaient contraints de couper avec pierres».

No livro de Hans Staden (XLIII), lê-se o seguinte trecho:

> «Elles tinham antigamente, antes de chegarem os navios, e têm ainda em muitos lugares do paiz, onde nenhum navio chegou, uma especie de pedra preta azulada que elles preparam como uma cunha, cuja parte mais larga é mal cortante. Tem mais ou menos um palmo de comprimento, dous dedos de grossura e largura de uma mão».

Escreve o P.e Ivo d'Evreux (XXVII):

> «Não tendo ferramenta alguma para trabalhar, quer nos bosques quer nas roças servem unicamente de machados de pedra para cortar arvores, fazer suas canoas, aguçar pares, cultivar a terra».

Do exame dos differentes documentos acima

apontados, fontes fidedignas de nossa historia, se pode deduzir com certeza que as achas eram verdadeiras ferramentas, de que se serviam os indigenas para cortar arvores e arbustos.

Com esta conclusão concordam aliás unanimemente os relatos dos viajantes e missionarios que estudam aspectos interessantes do viver primitivo dos selvagens americanos.

O P.e Gumilla (XXXVI), por exemplo, descrevendo os costumes dos selvagens do Orinoco, conta ás paginas 234 de seu livro «El Orinoco Illustrado :

> «A primeira vez que estive com os gentios, pensei que pela sua nudez, seria forte argumento para aggregal-os a melhor sitio ponderar-lhes que alli não tinham ferramentas com que roçar, limpar a terra e derrubar as arvores ; mas não se deo tal, porque tomando de seus machados de pedra de dois gumes e empatando-os no meio de garrotes proporcionados, responderam-me que com as macánas (que são duas espadas de madeira rija) quebravam os pequenos arbustos e com aquelles machados cortavam os troncos verdes».

Escreve Francisco de Paula Ribeiro (XLIV), tratando dos Timbiras do Maranhão, gentios que até o começo do seculo XIX se utilizavam de ferramentas de pedra:

> «Os seus machados são de pedra, que preparam com outras pedras, e que encastoam ou seguram mui bem em qualquer pau, que possa servir-lhes de cabo: com elles derrubam os seus roçados e trabalham a madeira que carecem».

O Dr. Karl von den Steinen, alludindo aos Bacairys, tribu de filiação caraiba, por elle visitada em 1884, refere que esses selvagens

> «só com seus machados de pedra enceravados em cabos de madeira conseguem derrubar arvores e preparar postes» (XLV).

Tambem na Colombia viu de Morgan os indigenas excavarem e esculpirem fragmentos de madeira com a ajuda exclusiva de seus machados de pedra (XLVI).

Aclarado esse ponto, surge desde logo uma pergunta: Como usavam os indigenas seus machados na derrubada das mattas? A pergunta que, á primeira vista, poderá parecer fóra de proposito, não o é porém. Os chronistas, de um modo geral, passam em silencio este importante ponto de ethnographia.

Apenas um dos manuscriptos antigos conhecidos, publicado em 1534 (XLI), refere que os gentios «derrubavam grandes mattos com cunha de pedra, ajudando-se do fogo» (12).

Mais precisa, porém não perfeitamente clara, é a informação seguinte do P.e Daniel (XXIX):

> «Porém por mais dura que seja a pedra dos machados pouco servem para as suas manobras e factura de roças, em que mais amassão do que cortão os páos, mas assim amassados os fazem seccar, e depois lhes põe fogo e queimão, fazendo em seu logar as suas sementei-

(12) Jean de Lery (XLIX), contradizendo grande numero de escriptores antigos, sustenta que os Tupinambás «não tinham antes da chegada dos Europeus no Brasil outro meio de abater uma arvore sinão deitando fogo aos pés».

> ras, que ordinariamente não passão de mandioca».

Entre autores modernos é tambem lamentavel a penuria de noticia e dados elucidativos a respeito do assumpto. E no entretanto o uso do machado de pedra se propagou até ha bem poucos annos entre nações selvagens do Brasil.

Ainda em 1906, informa Edmundo Krung, (XLVII) os Kamgaugues, das margens do Paranapanema, delles se serviam para cortar a lenha, de que careciam.

Nosso grande historiador Rocha Pombo diz apenas que: «com machados de pedra conseguem os indios derrubar as mais grossas arvores usando do artificio de as ferir e macerar no tronco até que seccassem para fazel-as cahir pela combustão» (XLVIII).

Goldi, por sua vez, discursando perante o XIV Congresso de Americanistas, affirmou que os selvicolas para abaterem uma arvore, queimavam o caule e depois se serviam de seus machados apenas para eliminar a porção carbonizada.

Essa operação, accrescentava elle, era repetida até que conseguissem deital-a por terra.

H. Von Ihering, o austero e forte trabalhador a quem tanto deve a paleothnologia brasilica, não acceitou o parecer de Goldi e desejoso de solucionar definitivamente esse obscuro e interessante problema, levou a effeito, com a ajuda exclusiva de machados de pedra, nos espessos e mudos bosques que cobrem a serra do Mar, a abertura de um roçado prehistorico.

Repetiu, entre nós, experiencias já anteriormente effectuadas no Velho Mundo, chegando a resultados bem diversos das conclusões de Goldi e de Rocha Pombo. Nunca o selvagem, diz elle, que

quizesse agir com rapidez teria empregado alternativamente o fogo e o machado para prostar uma arvore, pois o fogo cedo seccaria a madeira, tornando assim mais arduo o serviço.

Trabalhando num bosque cerrado mas perfeitamente verde, conseguiram dois dedicados auxiliares do professor abrir em tres dias apenas uma clareira de 105 metros quadrados.

Tentaram depois fazer cahir uma arvore quasi resequida e gastaram approximadamente o triplo do tempo que teria sido necessario para derrubar um tronco verde de igual espessura. E' que a falta de seiva torna o labor muitissimo mais penoso.

Verificou ainda o esforçado naturalista que o melhor typo de machado para esse genero de trabalho era o de tamanho medio ($0^m,10 \times 0^m,07 \times 0^m,035$) pesando mais ou menos 500 grammas. Os machados de dimensões maiores eram de manejo difficil e fatigante, principalmente quando os golpes deviam ser dados em sentido horizontal. Quanto aos machados de typo pequeno ($0^m,08 \times 0^m,05$), de 240 grammas de peso não serviam porque não produziam trabalho compensador.

Tambem a energia a empregar, diz elle, foi preciso tentear; vibrando-se golpes com muita força o effeito era negativo pois assim facilmente se quebrava o cabo e mesmo a propria pedra.

Uma vez, porém, obtida a necessaria pratica a cada pancada do instrumento os cavacos saltam longe e a entalha cavada na madeira rapidamente se alarga.

Mas os machados não eram utilisados somente para cortar madeira grossa, ocar toros e abrir roçados na espessa mattaria; serviam, como veremos no transcorrer deste capitulo, para multiplices misteres.

Uns tinham uso nos combates e nas pelejas singulares, eram authenticas armas de guerra

outros eram simples brinquedos de creanças ou ainda figuravam entre ferramentas domesticas reservadas ao preparo de arcos e flexas, ao corte de cabello, etc. :

> «Perguntei-lhe, narra Hans Staden (XLIII), como cortavam os cabellos antes dos navios lhes trazerem tezouras».
>
> «Respondiam que tomavam uma cunha de pedra, e pondo outra pedra por baixo dos cabellos, batiam até cortal-os».

Esta informação é ratificada por Frei Vicente do Salvador (XL) quando escreve :

> «pescavam com huns espinhos e faziam o cabello, e as unhas com pedras agudas».

Muitos rejeitarão por certo que meninos possuissem machados de pedra, objectos que exigiam enorme somma de pacieneia e acurado trabalho para sua confecção.

Tal repulsa não tem razão de ser pois é sabido que os indios, premidos pelas condições ambientes, espicaçados pelo receio das ciladas e ataques sempre imminente de seus contrarios, creavam os filhos dando-lhes de pequeninos armas para que em seu manejo desde logo se adextrassem.

O Rev. P.e Bauck, tratando dos costumes de certos gentios brasileiros, conta :

> «até as creanças exercitavam-se no uso das bolas e que era para ellas um divertimento o pegar as gallinhas dos aldeiamentos por meio das bolas» (L).

Ha mais ainda. D. Alvaro Nunes Cabeça de Vaca (LI), descrevendo— «Como os indigenas matam e comem os inimigos», diz :

«Quando o prizioneiro apresentava bôa gordura, redobram os prazeres, as danças e os cantos».

«Então xegam os omens ; arranjam e ornam 3 rapazes de 6 a 7 annos de idade e entregam-lhes uma machadinha de cobre...»

Que nossos aborigenes se exercitavam desde pequenos no manejo de suas armas, tambem o assegura Fernão Cardim em seus escriptos:

«exercitam-se muito pequenos nestas armas (arco e flecha) e são grandes frexeiros e tão certeiros que lhes não escapa passarinho».

Havia, além dos typos já citados, machados de ceremonia, simples ornatos a serem exhibidos pelos maioraes da tribu nas occasiões solemnes; machados votivos, destinados estes a figurarem obrigatoriamente e por força de qualquer pratica religiosa, que regulava as inhumações, nos tumulos americanos.

Alguns machados votivos de jadeite foram, com effeito, retirados das necropoles indigenas de Nicaragua e Costa Rica (LII, p. 251).

Jorge Kunz, no Congresso Internacional de Anthropologia e de Archeologia, que se reuniu em Paris, em 1889, apresentou o modelo de um grande machado votivo, achado em Oaxaca, no Mexico (XXVII, p. 226) e Barbosa Rodrigues (XXVII, p. 229) sustenta, em seu erudito escripto sobre muyrakitãs e idolos symbolicos, que no Valle do Amazonas os machados votivos de diorito e de syenito perfeitamente polidos e bem acabados se encontram frequentemente nas *inkacaúas*.

Nos *camucís*, exhumados em solo cearense, jamais foram, que nos conste, achados, junto aos

ossos dos valentes guerreiros indigenas, taes instrumentos rituaes.

O exemplo de machados-amuletos, communs na Europa, não são raros na America.

Alguns especimens de achas feitiços, apresentando perfurações dispostas evidentemente para a passagem de um fio suspensor, foram descobertos nas Antilhas, no Sul do Brasil (VI), no Ceara e em Pernambuco (Museu do Inst. Archeologico).

Superstições. Os habitantes do Velho Mundo achando fortuitamente no solo certos artefactos de pedra, cuja procedencia e utilidade desconheciam, crearam uma ficção artificiosa para explicar sua origem e deram-lhes virtudes as mais extraordinarias.

O machado de silex, entre outros, era até bem pouco tempo para os europeus em geral, e o é ainda para as classes menos cultas das sociedades de Além-mar, um producto emanado do raio e dotado de propriedades singulares.

Esse mytho transpoz os mares com os immigrantes europeus e chegou á America, e, não obstante terem os conquistadores encontrado ainda em uso, entre indigenas do Novo Continente, objectos de pedra, diffundiu-se e perpetuou-se através das gerações.

Para o povo ignorante do Ceará, a acha de pedra é, do mesmo modo que para os velhos romanos do tempo de Plinio, a *cérauniu*, a pedra de relampago, o corisco descido do céo em dias de tempestade. Mas nosso sertanejo, imaginoso como é, não se satisfez apenas com essa singella explicação, juntou á lenda novos detalhes e, a maneira dos camponios europeus (13), adduziu-lhe

(13) Formeés par la foudre, au milieu des nuages les *lapides fulminis* tombent, toutes façonnées, sur la terre, où elles s'enfoncent plus ou moins dans leur chute (de 6 pieds, disent les paysans de l'Aveyron; de 16 cannes, selon lec paysans calabrais

interpretações suas, tornando-a ainda mais extravagante.

Tendo ainda encontrado mettido no solo, em profundidade variavel, instrumentos de pedra, elle concluiu desde logo que o coriseo ao cahir se enterra 7 braças ou 7 palmos, vindo a apparecer á superficie do solo findos 7 annos, depois de ter caminhado uma braça ou um palmo por anno.

Quando por acaso topam uma dessas armas primevas, recolhem e guardam-nas com carinho e veneração, porque a pedra de relampago é, para elles, uma dadiva celeste, precioso talisman, capaz de protegel-os contra os effeitos damnosos do raio.

Essa crendice popular existe sem alterações sensiveis em todos os Estados do Brasil e é talvez por isso que J. A. Corrêa de Araujo (LIII), affirma (pag. 234) que «o trovão era para o indio um deus benevolo por que lhes proporcionava os rudes instrumentos agricolas».

Della conhecemos apenas uma variante, que aliás nada mais é que o resultado d'um accrescimo feito ao mytho primitivo. Em Minas Geraes, consoante nos informa Jayme Reis (XIII, p. 409), pensa-se que, uma vez sahidos da terra, tendo completado, por assim dizer seu cyclo evolutivo intra terrestre, não se quedam os coriscos inertes na superficie do solo, elevam-se novamente, retornam á atmosphera para tornarem a cahir sob a forma de raio.

Assim sendo, ao invés de serem tidos em conta de feitiços e guardados com cuidado, soffrem

---

etc.), mais elles remontent chaque année d'un pied ou d'une canne vers la surface, surtout quand le tonnerre se fait entendre, et elles finissent par apparaître à la superficie du sol ordinairement après sept ans révolus, selon les uns, au bout de dix-huit ans, ni plus ni moins, selon les autres (LIV, p. 203).

os inoffensivos machados terrivel guerra de exterminio; onde os encontram os tabareus os lançam logo ao rio mais proximo, afim de evitar que produzam novos maleficios.

Machados em forma de crescente (Hartt), *machados noriluniformes* (L. Netto), *machados semicirculares* (Ihering), *machados falcatis* ou *luniformes* (Schupp). Eximimo-nos de descrever, mesmo de modo perfunctorio, os differentes typos de machados semi-circulares conhecidos (14). Dois motivos nos levaram a assim proceder: Primeiro foi o desejo de não alargar demasiado este trabalho transladando descripções de autores conhecidos, e o segundo a reflexão de que Carlos Hartt (LV), em ponderado e serio artigo, já esgottara o thema enumerando com precisão e minucia uma variedade consideravel de machados luniformes, descobertos no Brasil.

O formato mais geral que elles apresentam é, porém, o de meia lua; meia lua essa provida, na parte media de sua concavidade, de um appendice mais ou menos longo e destinado a ser embutido num cabo.

Os machados semi-lunares eram usados preferentemente na guerra. O gume largo e cortante, comprehendendo toda a porção convexa do instrumento, fazia delles, como já notou alguem, uma arma de grande efficiencia. Quanto ás objecções porventura levantadas contra a nossa thése e fundadas na existencia de alguns especimens talhados em porphyro e syenite de apurado gosto, e na fragilidade de alguns outros, feitos de cal metamorphica molle, contendo mica, - como no exemplar achado pelo Dr. Couto de Magalhães no Alto To-

(14) Numerosos e variados são, como vimos, os typos de machados cearenses e descrevel-os todos seria demasiado longo. Estudaremos aqui, pois, apenas os especimens que se nos afiguram mais interessantes.

cantins—cahem por terra deante do seguinte trecho da narrativa do P.e Ivo:

> «Coruatapyran, um dos principaes de Comã, trouxe-me, escreve elle, um desses machados de pedra, ainda tinto de sangue, com alguns cabellos adherentes, e com um pouco de cerebro do Principal *Ianuran* que com elle foi morto, que se soube por ser encontrado sobre seu corpo» e accrescenta «*Caruatapyran* pegando um d'esses machados, feitos em forma de crescente . . .» (XXVIII, p. 138).

Este facto não exclue, porém, a possibilidade de serem alguns machados desse typo, como pensa a maioria dos autores, meras insignias de mando ou simples adornos de cerimonia. Ladislau Netto (LVI, p. 489 —490) louvando-se em informes certamente verazes, transmittidos pelo Capitão Paula Castro, affirma que os chefes Jurunas, nos dias de festividade de sua nação, ostentavam machados em forma de crescente faustosamente ornamentados.

Os machados em forma de crescente erám muitos estimados entre os Tremembés do Ceará.

Tal valia não lhes vinha, porém, da belleza de suas linhas, nem tampouco da singularidade de sua forma, muito mais elegante do que a dos machados ordinarios; presavam-nos os nossos indigenas, votando-lhes mesmo respeito religioso, porque os julgavam dotados do extraordinario poder de tornar invencivel o guerreiro, que os usasse no combate, dando-lhes assim a certeza da victoria.

Em virtude dessa abusão, cuja origem desconhecemos, a feitura e acabamento dos machados semi-lunares não se faziam com a simplicidade habitual ao preparo das armas de pedra; seu fabrico era cercado de um ritual mysterioso, cuja noticia nos chegou através dos escriptos do P.e Ivo d'Evreux (15), fervoroso catechista francez.

(15) «*Caruatapyran* pegando um desses machados, em for-

Mensalmente, quando o crescente illuminava o firmamento e espargia sua pallida luz sobre a floresta e sobre as aguas, reuniam-se os Tremembés e se entregavam ao arduo labor de manufacturar seus machados semi-lunares.

Emquanto homens e mulheres se davam a este trabalho, que se prolongava por toda a noite, bailavam as moçoilas e os infantes no terreiro enluarado da taba, como que a completarem o enygmatico cerimonial.

Os machados noviluniformes são hoje rarissimos no Estado do Ceará, d'elles conhecemos apenas um unico exemplar já muito fragmentado e absolutamente se não prestando a qualquer estudo serio.

Pensa von Ihering (XXXIII, p. 67) que os machados falcatos sejam mais abundantes no N. do que no S. do paiz.

Semelhante proposição parece-nos erronea. O Museu Nacional do Rio de Janeiro conserva uma bellissima collecção desses artefactos, provindos de pontos os mais diversos do Brasil, como sejam Amazonas, Minas Geraes, Piauhy, Paraná e S. Catharina.

Outros exemplares deste typo têm sido tambem achados no Espirito Santo (Hartt), em S. Paulo (Ihering), no Rio Grande do Sul (Schupp, Ihering e Paldaof), na Bahia (Bernardino de Souza) e em Pernambuco (16).

Não é só no Brasil que existem esses interessantes e singulares artefactos. No Equador, nos

---

ma de crescente, ensinou-me o que eu não sabia, dizendo-me terem os Tremembés o costume mensal de vellar toda a noite fazendo seus machados até ficarem perfeitos, em virtude da superstição, que nutriam, de que indo para a guerra armados com taes instrumentos nunca seriam vencidos e sim sempre vencedores».

(16) Possue o Museu do Instituto Archeologico de Pernambuco dois magnificos machados semi-lunares.

Andes Argentinos e no Perú descobriram-se tambem alguns especimens de notavel perfeição e em Vienna se guarda, dizem, um machado semi-lunar que pertenceu a Montecuzoma.

Machados em forma de escudo. Os autores nacionaes não descrevem, nem mesmo consignam em seus escriptos este typo de ferramenta a que demos o nome de machados em forma de escudo (17). E' talvez a «hache á oreilles» dos francezes. Sua configuração lembra vagamente os escudos inglezes da Idade Media.

O corpo do instrumento é commummente chato e se adelgaça para a extremidade opposta á testa, onde vae constituir o gume; as duas faces são, portanto, ligeiramente convexas e os lados têm a forma de um S muito aberto.

A parte posterior do machado, que vimos chamar-se testa, é a mais espessa de suas bordas; ella se prolonga lateralmente em forma de pequeno appendice rombo que é, para nós, a caracteristica deste genero de machado.

Fazendo-se um corte transversal em sua parte media, tem-se uma ellipse muito achatada. A largura tomada ao nivel da testa se mostra nos especimens de pequeno porte igual ao comprimento: nos maiores, esta excede aquella de 3 ou 4 vezes.

Os machados em forma de escudo, cujo peso no Ceará varia entre 34 grammas e 1 1/2 kilogramma, não apresentam de ordinario um gume tão nitido quanto o dos machados de que já nos occupamos.

Em nossa collecção se vê, porém, um exemplar deste typo bastante gasto e com indicios cer-

(17) Ladislau Netto, em seu artigo sobre Archeologia Brasileira, dá-nos a gravura de varios desses machados, um dos quaes chama de *cavador*—designação que, aliás, julgamos inadequada—mas nada diz sobre a procedencia dos mesmos nem a elle allude no texto em questão.

tos de ter sido amolado repetidas vezes, facto que prova ser o artefacto em questão verdadeira ferramenta (18).

Machados com entalhos lateraes. Os machados com entalhos lateraes são caracterisados apenas pela chanfradura ou entalho que apresentam junto á testa cada uma de suas duas bordas lateraes. As formas, que affectam, em nada nos interessam pois são as mesmas já estudadas quando tratamos dos machados em geral.

No Brasil os machados com entalhos lateraes têm sido encontrados nos antigos territorios das mais variadas tribus. Communs tanto no Rio Grande do Sul quanto no Amazonas (Hering), existem ainda em S. Catharina, onde C. Wiener (LVII) descobriu um exemplar em certo sambaquis, na Parahyba (19) e no Ceará.

A collecção Baltar tem, com effeito, varios artefactos desse typo e no Museu Rocha vimos dois interessantissimos machados entalhados: um de ferro oligisto, admiravelmente trabalhado, pesa 85 grammas e foi achado em Acarahú, o outro é de diabase e veio da Uruburetama.

Os machados com um e mesmo com dois chanfros foram usados pelos Mundurucús (VI).

Os machados semi-lunares, os machados orelhados e os machados com entalhos lateraes, que existem largamente disseminados tambem no Equador, Perú e Argentina, caracterizariam, segundo Rivet, pelo seu apparecimento naquellas regiões, a quarta migração dos *Urús*.

Rivet, é sabido, julgou poder concluir de seus recentes estudos de linguistica e de archeologia que todas as civilisações abrolhadas ao longo da

(18) Desse typo de machado possue o Museu Rocha um especimen perfeitamente triangular, sem gume e tendo uma das faces quasi plana e a outra ligeiramente convexa.

(19) No Museu Simoens da Silva existem, affirmaram-nos, machados com entalhos, procedentes da Parahyba.

costa occidental da America, desde os Andes Argentinos até o Mexico, repousam sobre um substracto racial uniforme, formado por tribus vindas da bacia do Amazonas e do Orenoco, em grandes levas successivas.

Machados com sulco (Haches á gorge). No estudo deste genero de machados deve sobretudo attrahir nossa attenção o sulco que elles patenteiam e que ora circumda completamente o corpo do instrumento, ora abraça apenas tres de suas faces, creando os sub-typos a que chamaremos de machados com sulco circular completo e machados com sulco circular incompleto. Tal depressão varia consideravelmente de profundidade e de largura. Num machado colleccionado pelo Dr. Dias da Rocha o sulco, que corre parallelamente á extremidade opposta ao gume, é tão estreito que apenas nelle caberia um arame fino. O mesmo collecionador possue tambem exemplares, cujo sulco circular tem dois e até tres centimetros de largura.

Do primeiro sub-typo, isto é, dos machados com sulco circular completo, que hão sido tambem assignalados no Rio Grande do Sul por Paldaof, Ihering e Von Koseritz, em S. Paulo, onde são muito raros, em Pernambuco, em S. Catharina, no Paraná, no Pará e no Amazonas, conta só o Museu Rocha 10 exemplares.

Do segundo sub-typo figuramos, na estampa 1, varios especimens pertencentes tambem ao Museu Rocha. Têm elles geralmente a forma trapezoidal e muito se parecem com certos machados diaginstes figurados por Benchat em seu «Manual de Archeologia» (LVIII).

Os machados com sulco, procedentes do Ceará, correspondem ao typo classico de machados americanos abundantes nas habitações das penedias, nos pueblos, nos mounds e kjökkenmöddinger da America Septentrional, na Argentina e na parte septentrional do Equador.

FIGURA 1 (1 : 1,5 GR. NAT.)

Machados com sulco

N.º 134 Grande machado polido, de gneiss—Aracaty.
110 Machado polido, de quartzo—Aquiraz.
341 Grande machado de gneiss, perfeitamente polido —Mecejana.
45 Bello machado polido, de quartzito—Soure.
42 Machado polido, de quartzo—Mecejana.
284 Machado polido, de granito—Beberibe.
111 Machado polido, de diabase—Mecejana.
335 Pequeno machado polido, de granito—Aracaty

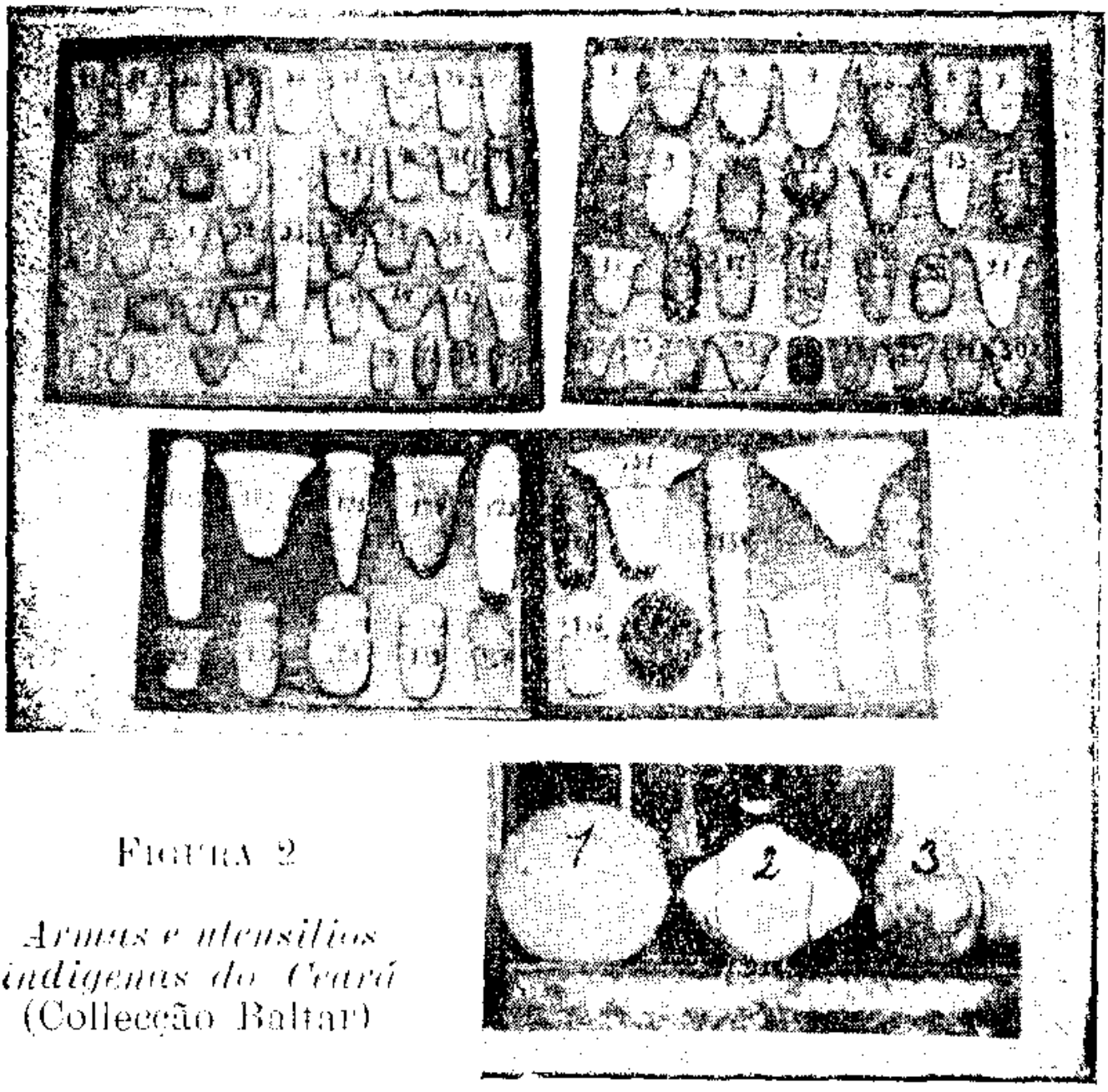

FIGURA 2

Armas e utensilios indigenas do Ceará
(Collecção Baltar)

Bolas. O Museu Rocha possue apenas quatro bolas, sendo tres mais ou menos esphericas e uma em forma de cylindro. A collecção Baltar conta igualmente quatro exemplares de bolas, um dos quaes é duplo.

Armas de arremesso, destinadas a serem usadas de preferencia nos descampados e nos pampas, onde ainda hoje são manejadas pelos gauchos, é natural que no Ceará, territorio outr'ora quasi todo coberto de extensas caatingas, não appareçam ellas com a mesma frequencia com que foram assignaladas por Ihering no Rio Grande do Sul, e nem apresentem aqui a multiplicidade verdadeiramente notavel de formas das bolas recolhidas por Ameghino na Banda Oriental e na provincia de Buenos Aires.

As bolas ovoides, com sulco simples ou duplo, as bolas octaedricas ou as de facetas polidas, de que nos fala este sabio archeologo platino, não são representadas em nosso Estado. Aqui se não encontram tampouco as bolas elipsoidaes, e as que têm o feitio de rolha ou de limão, de pera ou de cubo, tão abundantes no Uruguay e na Argentina.

Faltam tambem, entre nós, as espheras com sulco, communissimas no Sul, e as curiosas bolas de pontas, de nos dão noticia o reverendo P.e Schupp (LIX) e Von Ihering (VI).

Das bolas pertencentes ao Museu e colhidas em pontos varios do Estado, ha uma feita de jaspe e procedente de Maracanahú, com 290 grammas de pezo e 55 mm. de diametro.

A outra é de diabase, mede tambem 55 mm. de diametro e pesa approximadamente 310 grammas. Esta bola apresenta em pontos diametralmente oppostos de sua superficie duas pequenas depressões, ora apenas visiveis devido á natural decomposição da rocha de que é feita. A bola discoide, mostra ella accentuada analogia com uma pedra existente no Museu Nacional, a que Ladis-

lau Netto, em seu trabalho sobre archeologia brasileira, chamou *disco martello*.

Bola discoide ou disco martello pouco importa ; trata-se de um fragmento de rocha basica, apresentando a forma de um pequeno cylindro de faces rudes. Foi achado no Curú. Seu peso é de 425 grammas, medindo o diametro das bases 60 mm. e a altura 48 mm.

Dos especimens aqui recolhidos os mais curiosos e interessantes são sem duvida alguma a grande esphera de quartz de 937 grammas de peso e a dupla bola pertencente ao Dr. Baltar. Esta se compõe de duas pequenas espheras intimamente ligadas e talhadas em um só bloco de rocha. O Rev. P.e Schupp dá-nos a conhecer, em seu trabalho sobre aborigenes do Brasil, varios objectos de pedra que apresentam grande analogia com a dupla bola, que ora estudamos. Estes objectos, provenientes do Rio Grande do Sul, eram destinados, segundo aquelle illustre jesuita, a servir de pesos para as rêdes de pescar.

Quanto á bola de quartzo, que de modo nenhum pode, dado seu peso, ser assemelhada ás famosas bolas de matar anta, de que nos falla Paldaof, é uma esphera perfeitamente regular de 9 cent. de diametro e admiravelmente polida.

E' ampla a area de distribuição das bolas. Buscas archeologicas recentes têm mostrado que essas armas, abundantes como vimos em todo o territorio do Rio Grande do Sul, existem tambem em alguns sambaquis de S. Catharina, em S. Paulo, na Bahia (B. de Souza) e nos confins do Amazonas, onde varios exemplares de bolas providas de entalhe circular foram colhidas por Barbosa Rodrigues, o grande botanico Brasileiro.

Seu emprego não ficou, porém, adstricto ao Brasil e Paizes Platinos, nem ellas são tampouco creação exclusiva da arte autochtone. Por todo o mundo encontram-se pequenas espheras de pedra

de differentes feitios e tamanhos, o que demonstra ter sido seu uso universal e datar da mais alta antiguidade, *de uso general en el tiempo e en el espaço*, como diz Ameghino.

Descobertas nos kjökkensmöddinger da Dinamarca e nas habitações lacustres da Austria, ellas apparecem tambem nos concheiros do Chile, nas florestas da America Central, no Mexico, em Java, nas Guyanas, na Nova Caledonia e nas estações prehistoricas dos Estados Unidos.

Inacceitavel é a tradição, que admitte terem sido as bolas introduzidas na America pelos primeiros exploradores brancos. Dias de Solis, o descobridor do Rio da Prata, foi morto, rezam as chronicas, por um desses projectis que lhe fendeu o craneo; e Pero Coelho, quando em 1603 veio tentar a conquista da Ibiapaba, foi recebido hostilmente a pedradas pelos indios que ahi demoravam (20).

O emprego das bolas como arma de caça e de guerra, entre aborigenes americanos, variava muito segundo seu peso, forma e dimensões.

Na guerra os nossos selvagens se serviam das chamadas *bolas perdidas*. Eram bolas com sulco de regular tamanho (50 mm. de diametro mais ou menos), redondas ou ovoides e presas, pela depressão que as contornava, a um cordão de comprimento variavel. No momento da peleja os guerreiros seguravam a ponta do fio e imprimindo á arma rapidissimo movimento de translação em torno de suas cabeças, depois lançavam-nas em direção ao alvo, que era quasi sempre attingido, outras vezes amarravam elles a extremi-

(20) E' de «Tratado da Expedição de Pero Coelho á Serra de Ibiapaba» (pag. 166) o seguinte trecho:

«Sobretudo vindo a noite tornavam os inimigos do alto a tirar muitas frechadas, e pedradas de fundas, com que ferião os nossos, ralhando que festejavam a sua vinda, porque serião senhores de captivos brancos, e outras cousas desta sorte»...

dade livre do cordão a um pequeno cacete, funccionando d'est'arte o instrumento como o *flêau d'armes* dos antigos.

As bolas espherieas lisas, semelhantes ás que se encontram no Ceará, eram utilisadas na caça. Não tendo entalhe ou vinco que permittisse sua fixação a um cordão suspensor, costumavam os indigenas envolvel-as em um fragmento de tecido qualquer do qual faziam pender uma correia.

Uniam duas ou tres bolas e com ellas formavam as celebres *boleadoras* (21), ainda assás usadas no Sul entre gauchos.

A caça aos passaros e animaes de porte diminuto era feita com pequenas bolas, lisas ou com entalhe -quasi sempre lançadas por meio de fundas -no manuseio das quaes eram habeis os petizes da tribu.

---

(21) «Êstes (os camponezes) tomam tres bolas, mettem-n'as em outros tantos saquinhos de couro e atam duas dellas nas extremidades de uma corda comprida prendendo as pelas boccas dos saquinhos. No meio desta corda atam outra mais curta e no extremo desta prendem do mesmo modo a terceira bola, vibra-se por cima da cabeça fazendo-se-a girar algumas vezes, com bastante força para lhe dar um movimento circular bastante rapido, que estique as respectivas cordas, communicando ás outras bolas o mesmo movimento

Na occasião opportuna soltando-se a bola que está na mão, seguem as tres a direcção dada no ultimo movimento e com velocidade contra o alvo. Como o arremessador geralmente está montado e faz uso das bolas a todo o galope, sommando-se a velocidade do cavallo com a força do ultimo arremesso, addicionado ainda da força centrifuga, obtem-se uma velocidade e uma força extraordinaria.

Os camponios e especialmente os gauchos, esses verdadeiros filhos dos pampas, manejam as bolas com destreza admiravel e recorrem a ellas quando não lhes é possivel usar do laço Lançando as bolas perseguem o cavallo fugitivo, a avestruz veloz e num tiro bem alvejado, numa grande distancia, sabem dirigir as bolas de tal forma que prendem o animal na corrida enleando-lhes os pés e, ás vezes, o pescoço ao mesmo tempo. Tal é a força das bolas, que batendo num osso do animal, especialmente nas canellas, deve se suppôl-as quebradas ou pisadas para sempre, ou por muito tempos (1).

QUEBRA NOZES OU PEDRA MARTELLO. Usou primeiramente do nome de quebra-nozes o Dr. Hermann von Ihering para designar certos instrumentos de pedra parecidos com pequenos queijos, tendo em cada um dos lados uma cova do tamanho da ponta do dedo pollegar.

Por extensão applicou-se depois identica denominação a artefactos varios taes como pedras quadrangulares, cubicas, machados, etc., trazendo em uma ou duas de suas faces a chamada «cavidade dos quebra nozes».

O quebra noz de que nos vamos occupar é de diabase e tem a forma de um minusculo machado. Foi encontrado em S. Bernardo das Russas, pesa 135 grammas e mede 55 millimetros em sua parte mais dilatada, sobre 65 millimetros de comprimento; suas faces lateraes, bem polidas, deixam ver duas ligeiras depressões. Destinadas certamente a receber as extremidades digitaes e a facilitar a apprehensão do objecto em que se achavam cavadas, as pequenas cavas não se egualam em tamanho nem se correspondem perfeitamente, estando a maior situada abaixo da menor.

Carlos Rath, citado por Ihering, pretende que os quebra nozes serviam aos antigos habitantes da America para fender o pericarpo lenhoso e duro dos cocos. Essa explicação, acceita pelo ex-director do Museu Paulista, é, segundo este naturalista, firmada na palavra de G. Koeingswald, que diz ter visto pedras semelhantes usadas como quebra nozes entre Guaranys das margens do Rio Preto.

Convem observar que, posteriormente, von Ihering (VI, p. 521 e LX, p. 570) modificando um pouco sua opinião a respeito do assumpto, deu aos quebra-nozes o nome de pedra martello, attribuindo-lhes, outrosim, a funcção de abrir ossos e conchas e tirar ostras de rochedo.

A solução proposta por Carlos Rath parece

em verdade um tanto suspeita e duvidosa, dada a absoluta raridade desses objectos no Ceará, onde, no entretanto, abundam palmeiras de sementes comestiveis. Por outro lado, quem conhece a indole ociosa e descuidada do incola brasileiro não admittirá facilmente que elles houvessem empregado tanto esmero na fabricação de um instrumento destinado apenas a abrir sementes de coqueiros, quebrar nozes ou partir caroços de butiá, quando, é sabido, duas pedras toscas, colhidas ao acaso, teriam preenchido perfeitamente o almejado fim.

O P.e Schupp aventa a hypothese igualmente inacceitavel de servirem os quebra nozes para modelar as panellas de barro.

Machados deprimidos em suas superficies lateraes foram igualmente assignaladas entre os objectos prehistoricos do Estado do Rio Grande do Sul, por Paldaof (LXI, p. 314) e von Ihering (XXXIII, p. 70).

Machados de mão. Não menos interessantes do que o objecto que vimos de descrever são os curiosos artefactos de pedra a que o Prof. Dias da Rocha chamou *machados de mão*, fig. 4, n.º 26.

Esta designação não nos deve, todavia, impressionar, levando-nos a fazer conjecturas pouco plausiveis acerca de seu uso.

O nome de machado é um rotulo que se applica a muitas coisas diversas, uma denominação generica e amplissima em que são enquadrados utensilios os mais dessemelhantes, de formas e tamanhos os mais variados. Machados são os volumosos martellos das palafitas suissas, assim como certos minusculos amuletos de formas caprichosas; machados são ainda os artefactos noviluniformes a que os allemães denominam *ankeraxte*, e os discos perfurados de bordas mais ou menos afiadas, semelhantes a grandes fusaiolas.

O Museu Rocha possue apenas um machado

de mão (fig. 4, n.º 26), cuja descripção damos a seguir, ao passo que a Collecção Baltar conta tres exemplares desse genero de utensilio.

Feito de rocha basica, mostra elle uma configuração vagamente triangular, tendo 20 centimetros de largura sobre 75 millimetros de altura. Sua espessura maxima é de 15 millimetros, junto á borda superior. A borda inferior é bem polida.

E' absoluta a ignorancia, entre americanistas, no tocante ao emprego, que desses objectos faziam os nossos aborigenes.

Os escriptos antigos nada adiantam a respeito do assumpto e a observação dos selvagens, que abundam ainda hoje pelo mundo, tem sempre resultado inutil nesse particular.

Propendemos a lhes attribuir o papel de simples rascadores, dado seu feitio, a disposição em arco do gume, a forma recta e larga do dorso, parecendo proprio a facilitar a péga. Não passa isso, porem, de mera conjectura. O P.e Schupp pensa tratar-se de uma faca semi-lunar.

E' assumpto que fica ainda por esclarecer.

SYMBOLOS DE MANDO OU ADORNOS HONORIFICOS. Possue o Museu Rocha cinco desses artefactos de pedra polida, dos quaes tres, talhados em diorito e muito bem trabalhados, têm a forma trapezoidal e os dois outros, feitos de porphyro, são triangulares.

Todos elles são perfurados transversalmente.

Os orificios têm a forma de dois troncos de cone ligados pelas bases menores.

Os symbolos de mando trapezoidaes apresentam as seguintes dimensões: o primeiro, 65 millimetros de altura, 75 millimetros de base maior e 50 millimetros de base menor; sua espessura maxima ao nivel da parte media é de 15 millimetros; os diametros das bases maiores do furo medem 16 millimetros de comprido e o da base menor 1 1/2 millimetro; o segundo, 70 millimetros de

altura, 55 millimetros de base maior e 50 millimetros de base menor; sua espessura maxima é de 25 millimetros; os diametros das bases maiores do furo medem 29 millimetros de comprimento e o da base menor 4 millimetros; o terceiro, 45 millimetros de altura, 65 millimetros de base maior e 45 de base menor; sua espessura maxima é de 1,6 centimetros, o diametro da base maior de um dos troncos de cone do furo é de 15 millimetros e o da base menor 3 millimetros.

Os dois amuletos triangulares, feitos de porphyro médem—um, 10 centimetros de largura e 5,6 de altura e 2,2 de espessura maxima; o outro, 9,5 centimetros de largura, 5,5 cent. de altura e 1,5 cent. de espessura. Em ambos o diametro maior do furo, junto ás faces, tem approximadamente 20 millimetros e o menor 2 millimetros.

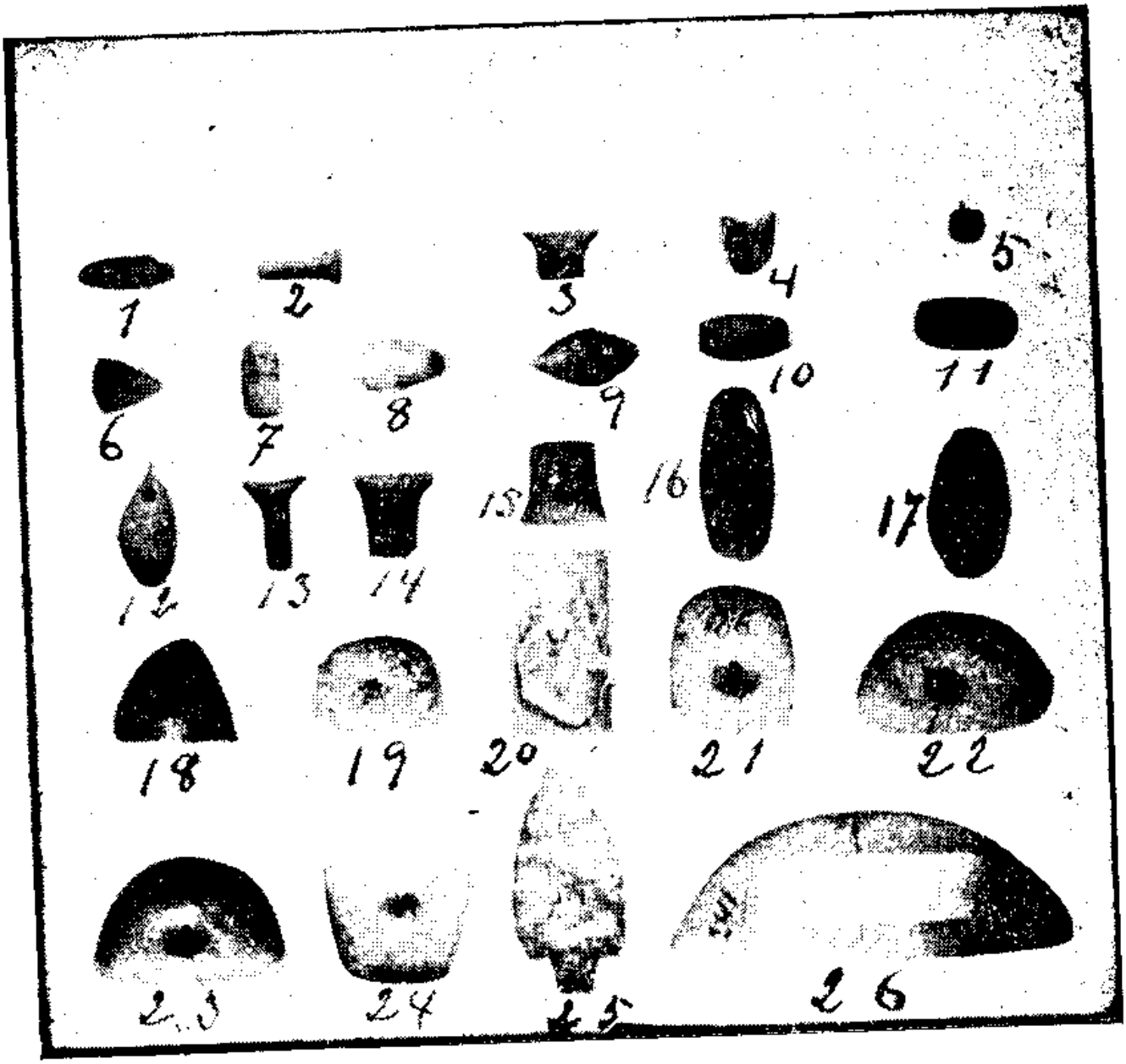

FIGURA 1 (+ 1.4 gr. nat.)

Amuletos, tembetás e instrumentos de pedra

N.º 1 Pingente ou amuleto de calcareo verde —Porangaba.
2 Tembetá de orthose—Iguatú.
3 Tembetá de amazonite—Porangaba.
4 Fragmento de ponta de flecha triangular de base concava, silex—Iguatú (± 1/5 gr. nat.)
5 Conta de beryllo verde—Aracoyaba.
6 Pingente de amazonite, perfurado transversalmente—Baturité.
7 Adorno cylindrico, de quartzo citrino—Joazeiro.
8 Pequeno cinzel (?) Instrumento de uso desconhecido, de jaspe — Quixadá (± 1/5 gr. nat.)
9 Ponta de flecha de agatha em forma de losangulo admiravelmente polida — Quixeramobim.
10 Amuleto cylindrico, perfurado longitudinalmente de feldspatho -Porangaba.
11 Penduricalho cylindrico apresentando um entalho circular, de amazonite—Morada-Nova.
12 Fragmento de amuleto de beryllo, representando um peixe—Camafistula.
13 Tembetá de amazonite—Guaramiranga.
14 Tembetá de adularia—Ieó.
15 Tembetá de calcareo—Baturité.
16 Tembetá (?) elliptico de quartzito—Porangaba.
17 Amuleto de amazonite, perfurado longitudinalmente—Morada-Nova.
18 Fragmento de adorno honorifico, de melaphyro—Acarape (± 1,5 gr. nat.)
19 Adorno honorifico de melaphyro- Curú (± 1,5 gr. nat.)
20 Fragmento de ponta de flecha pedunculada, de quartzo hyalino—Quixeramobim (+ 1,5 gr. nat.)

N.º 21 Adorno honorifico de granito—Tamboril (± 1/5 gr. nat.)
22 Adorno honorifico de melaphyro—Maranguape (± 1/5 gr. nat.)
23 Adorno honorifico de melaphyro Canindé (± 1/5 gr. nat.)
24 Adorno honorifico de melaphyro- Acarape (± 1/5 gr. nat.)
25 Ponta de azagaia com pedunculo e farpa, de jaspe—Inhamuns (± 1/5 gr. nat.)
26 Machado manual, de diabase—Camocim (± 1/5 gr. nat.)

Multiplices são os nomes de que se servem os especialistas para designar os objectos que descrevemos.

Simoens da Silva os denomina de Insignias de chefe ou emblema de cacique indigena», julgando-os symbolos incontestes de autoridade entre indios, ao passo que Ladislau Netto vê nelles ferramentas domesticas e os chama de «machados perfurados». No dizer de Theodoro Sampaio seriam os «adornos honorificos» raspadeiras primitivas ou ainda simples pesos de rêde.

Os «symbolos de mando» eram certamente adornos honorificos ou talismans e tinham por isso mesmo papel de importancia na vida das tribus cearenses. Trazidos ao peito, pendentes de um cordão, serviriam talvez para evitar sortilegios e desgraças a seu superstcioso dono ou para dar-lhe mais garbo aos olhos de seus iguaes.

A pungente lamentação do escravo do P.e Ivo d'Evreux mostra quanto o indigena presava certos adornos e a significação social dos mesmos:

> «Quando penso, dizia elle, que sou filho de um dos grandes de meo paiz, que meo pae é homem moderado, que todos o cercavam para escutal-o quando elle ia

> á casa grande, vendo-me agora escravo, sem pintura no corpo, sem cocar, sem enfeites nos braços, e nem nos pulsos, como acontece aos filhos dos grandes das nossas terras, antes queria ser morto...» (XXVIII)

O facto de ter Ladislau Netto assignalado a existencia de alguns «symbolos de mando» simplesmente deprimidos em suas duas faces, não invalida nem destroe nossa hypothese, os exemplares apontados eram sem duvida peças defeituosas ou inacabadas (22).

Não pode o artefacto em apreço ser um machado perfurado. A augustia do furo, que o atravessa, está a repellir tal presumpção. Por outro lado, a presença desse mesmo orificio afasta tambem, como absolutamente inadmissivel, a hypothese de se tratar de um rascador de pedra.

Tampouco acceitamos fossem os «symbolos de mando» meros pesos de rêde. O cuidado empregado na confecção dos especimens, que conhecemos, vigorosas revelações da paciencia e da arte indigenas, parece-nos incompativel com destino tão grosseiro. Um motivo mais elevado impelliu certamente o aborigene a fazel-os assim tão aprimorados. Depois os unicos utensilios que comportariam «chumbadas» tão volumosas seriam as grandes rêdes de pescar.

Ora o uso destes artefactos de pesca—si é que elle existiu na America precolombiana—foi sempre muito pouco espalhado entre tribus brasileiras,

---

(22) Não devemos confundir os objectos de que ora nos vimos occupando, um tanto achatados nas duas faces, com os machados circulares perfurados, nem tampouco com as chamadas *piedras hovodadas* de uso igualmente problematico. Os primeiros têm as bordas cortantes, emquanto que as ultimas são quasi espherícas.

facto que contrasta singularmente com a diffusão, no Nordeste, dos adornos honorificos. Ainda um outro argumento contra a opinião dos que vêem nos symbolos de mando simples pesos de rêdes, é o terem sido os objectos cearenses achados sempre longe do littoral e afastados mesmo de lagôas e de rios de grande volume d'agua.

Querem alguns autores de responsabilidade que os adornos honorificos tenham sido, primitivamente, utensilios domesticos aproveitados depois, por um motivo qualquer, como ornamentos. Poderá ser verdadeira essa supposição, o facto porém, de usarem os antigos habitantes do Velho Mundo fragmentos de pulseiras e de collares como contas ou pingentes não constitue, pensamos, argumento decicivo em favor desta opinião.

A proposito do furo central que apresenta esse genero de feitiço faz Simoens da Silva (XIV, p. 7) interessantes apreciações as quaes julgamos, todavia, infundadas. Assim, pretende elle que os selvagens empregavam o maximo cuidado e attenção para que «o centro perfurado ficasse equidistante das faces exteriores mantendo-se assim mais bem equilibrada a peça depois de supportada pelo fio de suspensão».

Ora, em dois dos seis exemplares da Collecção Dias da Rocha, ao contrario do que affirma o douto presidente do Instituto Historico e Geographico Fluminense, o encontro dos dois furos se faz mais proximo de uma das faces do objecto.

A forma bi-conica do furo provem simplesmente do processo empregado para perfurar a rocha. Este era simples e primitivo.

Um pequeno buril, uma haste de madeira fina e um pouco de areia humedecida, eis todo o material de que lançavam mão os selvicolas para levar a cabo tão arduo emprehendimento.

A paciencia inexgottavel do indio suppria á deficiencia de meios.

Escolhido o objecto, cavavam com a ajuda de um buril, no ponto a perfurar, uma pequena cova na qual applicavam o extremo da haste que faziam em seguida girar a força de pulso até conseguirem o desejado objectivo, tinham, porém, o cuidado de molhar sempre a depressão recem-formada pelo attrito e nella lançar um pouco de areia fina.

Levada de encontro á parede e ao fundo da cavidade pela haste, que rodopiava, a areia roía e rasgava a pedra e cada parcella da rocha desaggregada concorria a deslocar e desjungir novos fragmentos.

Os furos eram feitos de um lado e depois do outro, o que muito facilitava a tarefa do artista.

Importa notar que nesses casos não era pelo movimento de rotação, semelhante ao do berbequim, que a haste desgastava a pedra, mas em virtude de seu giro em circulos cada vez maiores, igual ao movimento do *firedrill* dos gaúchos.

O processo do berbequim reservavam os indios á perfuração de pequenos objectos, taes como contas e amuletos, e o orificio por essa maneira originado tinha a forma cylindrica.

Como imaginou o gentio tal processo de perfurar a pedra?

Na margem dos rios e riachos, que correm sobre lagedos, o homo americanus vê os grandes sulcos abertos nas rochas, observa as profundas marmitas torrenciaes (caldeirões) em cuja concavidade giram tumultuosamente seixos e areia agitados pela correnteza; medita com vagar sobre a causa desses phenomenos, e acaba por conceber a força que applicou depois á perfuração e ornamentação de seus artefactos de pedra.

Ao contrario das bolas a area de distribuição dos «symbolos de mando» parece ser relativamente restricta. Na America hão sido encontrados principalmente no Chile e no Brasil. Em nosso

paiz foram elles assignalados no sambaqui de Porto Rei (S. Catharina) por Simoens da Silva, em S. Paulo por C. Rath. Existem tambem em Pernambuco (23) e no Ceará. As peças recolhidas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, e mencionadas por Ladislau Netto, em seu trabalho já muitas vezes citado, não trazem indicação de procedencia.

BIBLIOGRAPHIA

I—*Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto*—«Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas no Brasil»—Archivo do Museu Nacional, Vol. I, Rio, 1876.

II—*Alfredo de Carvalho* — «Prehistoria Sul-Americana», Recife, 1910.

III—*Theodoro Sampaio*—«Inscripções lapidares indigenas no valle do Paraguassú»—Annaes do 5.º Congresso Brasileiro de Geogr., Vol. I, Bahia, 1918.

IV—*Theodoro Sampaio*—«Naturalistas viajantes dos seculos XVIII e XIX e os progressos da ethnographia no Brasil»—Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, Tomo especial, Rio, 1915.

V—*P. Carlos Teschauer*—«A ethnographia do Brasil no principio do seculo XX»—Rio Grande, 1914.

VI—*H. von Ihering*—«Archeologia comparativa do Brasil»—Rev. do Museu Paulista, vol. IV, 1904.

VII—*Theodoro Sampaio*—«Dois artefactos indigenas»—Rev. do Inst. Hist. e Geogr. da Bahia, n.º 42, 1916.

VIII—*Bernardino J. de Souza* — «Uma urna

(23) No Museu do Instituto Hist. e Archeologico de Pernambuco vimos dois adornos honorificos, que em belleza nada ficam a dever aos exemplares cearenses.

funeraria dos caboclos» — Rev. do Inst. Hist. e Geogr. da Bahia, n.º 43, 1917.

IX — *G. Martins* — «Descoberta de armas antigas de pedra na Serra do Sincorá» — Rev. do Inst. Hist. e Geogr. da Bahia, n.º 8.

X — *Ermelindo S. de Leão* — «Antonina Prehistorica» — Arch. do Museu Nacional, Vol. XII, Rio, 1919.

XI — *Jacques Morgan* — «L'humanité prehistorique» — Paris, 1924.

XII — *Cesar Ribeiro* — «Grande artefacto lithico» — Rev. do Inst. Hist. e Geogr. da Bahia, n.º 19.

XIII — *Jayme Reis* — «Noticias de antiguidades indigenas existentes em Minas» — Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro» — Tomo 56, parte I, Rio, 1893.

XIV — *A. C. Simoens da Silva* — «Pontos de contacto das civilisações prehistoricas do Brasil e da Argentina com os paizes da Costa do Pacifico» — Memoria apresentada ao XVIII Congresso de Americanistas, Rio, 1919.

XV — O mesmo — «Uma rarissima Mó indigena» — Separata do XX Congresso de Americanistas, Rio, 1922.

XVI — *Mario Mello* — «Um Muirakitã pernambucano» — Annaes do XX Congresso de Americanistas, Vol. I, 1924.

XVII — *Raymundo Lopes* — «A civilisação lacustre no Brasil» — Bol. do Museu Nacional, Vol. I, n.º 2, 1924.

XVIII — *Theodoro Sampaio* — «Archeologia Brasileira» — Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, Rio, 1922.

XIX — *Nelson de Senna* — «A edade da pedra no Brasil» — Memoria apresentada á ter-

ceira reunião de Cong. Scientif. Latino Americano, Tomo IV, Rio, 1910.

XX—*Carlos Xavier Paes Barreto* - «A antiguidade Americana» These apresentada ao Congresso de Americanistas, Victoria, 1922.

XXI—*F. R. Simch* - «Tembetás»—Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul, anno I, 1924, III e IV trimestres.

XXII—*P.e Fernando Tuddei*—«A prehistoria brasileira»—Bol. do Inst. Hist. e Geogr. do Paraná, Vol. III, 1919-1925.

XXIII—*Tristão de Alencar Araripe*—«Cidades petrificadas e inscripções lapidares no Brasil»- Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras., Vol. L, 1887.

XXIV *P.e Raymundo Ulysses Pennafort* «Brasil Prehistorico»—Fortaleza, 1900.

XXV—*P.e Camillo Torrend*—«O culto das pedras verdes entre aborigenes do Brasil»—Rev. do Inst. Hist. e Geogr. da Bahia, Anno XXIV, n.º 45, 1919.

XXVI—*Rivet*—«Voyage d'exploration du Dr. Gustaf Bolinder en Amerique du Sud» Journal de la Société des Américanistes de Paris, Tomo XIII, Paris, 1921.

XXVII—*J. Barboza Rodrigues*—«O Muyrakitã e os idolos symbolicos»—2 vol., Rio de Janeiro, 1899.

XXVIII—*P.e Ivo d'Evreux*—«Viagem ao Norte do Brasil»—feita nos annos 1613 a 1614. Com introducção e notas por M. Ferdinand Denis, trad. do Dr. Cesar Augusto Marques, Maranhão, 1874.

XXIX—*P.e João Daniel*—«Thesouro descoberto no maximo Rio Amazonas» Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, Tomo II (3.ª edic.), Rio, 1916 e Tomo III, Rio, 1843.

XXX—*F. Ameghino*—«La antigüédad del Hombre en el Plata»—Buenos Aires, 1918.

XXXI—*Carlos Studart Filho*—«Em torno de uma palestra do prof. Ludovico Schwennhagen»—Rev. trim. do Inst. do Ceará, Vol. XXXIX, 1925.

XXXII—*Barros Loureiro Brandão*—«Vestigios de raças prehistoricas na Viçosa»—Rev. do Inst. Archeol. e Geogr. de Alagoas, Vol. IV, n.º 4, 19.

XXXIII—*H. von Ihering*—«A civilisação prehistorica do Brasil Meridional»—Rev. do Museu Paulista, Vol. 1, S. Paulo, 1895.

XXXIV—*Erland Nordenskiold*—«Des flèches a trois plumes d'empenne en Amérique du Sud»—Journal de la Société des Americanistes, Tomo XVI, Paris, 1924.

XXXV—*G. de Mortillet*—«Le prehistorique antiquité de l'homme»—Paris, 1885.

XXXVI—*P.e Joseph Gumilla*—«El Orinoco Ilustrado»—Historia natural, civil, etc., de este gran Rio, Madrid, 1745, Tomo II (apud Ihering).

XXXVII—*Gabriel et Adrien de Mortillet*—«Musée Préhistorique»—Paris, 1903.

XXXVIII—*A. C. Teixeira de Aragão*—«Catalogo dos objectos de arte e industria dos indigenas da America»—in Centenario do descobrimento da America, Lisbôa, 1892.

XXXIX—*Assis Cintra*—«Nossa Primeira Historia»—(Gandavo), S. Paulo e Rio, 1921.

XL—*Frei Vicente do Salvador*—«Historia do Brasil»—Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

XLI—*Fernão Cardim*—«Tratado da terra e gente do Brasil»—Rio, 1925.

XLII—*André Thévet*—«Les singularités de la

France antartique» —Paris, 1878 (apud Ihering).

XLIII—*Hans Staden*, suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil—Edição commemorativa do 4.º cent., S. Paulo, 1900 (apud Ihering).

XLIV—*Francisco de Paula Ribeiro*—«Memoria sobre as nações gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão» — Escripta em 1849, Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, Tomo III, 1843.

XLV—*H. von Ihering*—«Os machados de pedra dos indios do Brasil e seu emprego nas derrubadas de matto» — Rev. do Museu Paulista, Vol. XIII, S. Paulo, 1908.

XLVI—*Ch. André* — «Comment s'est peuplé l'Amerique» — Présse Medicale, Paris, 1926.

XLVII—*Edmundo Krug* — «Os indios das margens do Paranapanema»—S. Paulo, 1925.

XLVIII—*Rocha Pombo*—«Historia do Brasil» —Vol. II, Rio de Janeiro.

XLIX—*Jean de Lery*—«Historia de uma viagem á terra do Brasil»—trad. de Monteiro Lobato, S. Paulo, 1926.

L—*P.e A. Schupp*—«Os aborigenes do Brasil sob o ponto de vista ethnologico»—Annuario do Rio Grande do Sul, 1904-1906.

LI—*D. Alvaro Nunes Cabeça de Vaca*—(Commentarios de) redigidos por Pedro Fernandes. Trad. de Tristão de Alencar Araripe, Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, Tomo LVI, 1893, Parte I, 1.º e 2.º trimestres.

LII—*Barão J. de Baye*—«L'archéologie Préhistorique»—Paris, 1888.

LIII—*J. A. Corrêa de Araujo*—«Organisação politico social dos aborigenes brasilei-

ros» — Annaes do XX Congresso de Americanistas, Vol. I, Rio, 1924.

LIV — *N. Joly* — «L'homme avant les metaux» — Paris, 1881.

LV — *Carlos F. Hartt* — «Descripção dos objectos de pedra de origem indigena conservados no Museu Nacional» — Arch. do Museu, Vol. I, 1878.

LVI — *Ladislau Netto* — «Investigações sobre a Archeologia Brasileira» — Archivos do Museu Nacional, Vol. VI, 1885.

LVII — *Carlos Wiener* — «Estudo sobre os sambaquis do Brasil» — Arch. do Museu Nacional, Vol. I, Rio, 1878.

LVIII — *H. Beuchat* — «Manuel d'Archéologie Américaine» — Paris, 1912.

LIX — *P. A. Schupp* — «Breves noticias sobre uns objectos interressantes feitos pelos indigenas do Brasil» — Rev. do Museu Paulista, Vol. VI, 1904.

LX — *H. von Ihering* — «Residuos da idade da pedra na cultura actual do Brasil» — Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo, Vol. IX, 1904.

LXI — *J. M. Caldaof* — «Archeologia Rio Grandense» — Revista do Museu Paulista, Vol. IV, Paris, 1900.

(Continúa).